

Estevas, estar coberto de uma tinta esverdeada e luzidia. É, como se vê, trabalho mais perfeito e de mais luxo que o de Picote. D'elles parece que ainda pendiam appendices, pois que na parte interna das voltas se conhecem algumas saliencias como que feitas pelo roçar de qualquer argola ou gancho de uma substancia rija como o cobre ou ferro.

Foram «fibulas» usadas pelos povos que viveram nos castros onde foram encontradas.

Bragança, Junho de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

P. S.

São particularmente interessantes para a nossa archeologia as fibulas precedentes, cujo typo constitue um dos caracteres da segunda idade do ferro, denominada de *La Tène*, do nome de uma localidade suíça que se tornou célebre como estação archeologica. A segunda d'estas fibulas encontra-se noutras localidades da Peninsula, e parece ser-lhe peculiar; no Museu Ethnologico tenho alguns exemplares d'este typo, encontrados por mim no nosso *oppidum* de Pragança (Extremadura); cfr. tambem o que diz E. Cartailhac nos seus *Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 298-299, etc.; dos bellos typos hespanhoes por este archeologo reproduzidos *ibidem*, pag. 298, possui o Museu Ethnologico Português um exemplar que adquiri em Hespanha, com outras preciosidades archeologicas, em 1900. A civilização de *La Tène*, que se propagou em grande parte da Europa, é tambem chamada *gaulesa* ou *celtica*. No Museu Ethnologico archivei outro exemplar das fibulas caracteristicas de *La Tène*, que obtive na Suíça, e tem a mesma proveniencia que muitos que estão no Museu de Zürich.

J. L. DE V.

Noticias várias

1. Moedas antigas

«Na caserna do corpo de bombeiros, na Esperança, quando se procedia ao levantamento de umas lages, numa dependencia do antigo convento encontraram-se algumas moedas sendo, 6 de ouro, 2 de cruzado, 2 de oito tostões, 2 de dez, e de prata, 1 de 40 réis e outra de tres vintens, em perfeito estado de conservação, e juntamente um coração de madreperola com a seguinte inscripção: V.^a C. MEV AMOR, tendo um arabesco por baixo, que parece gravado a agulha ou canivete.

Estes objectos vão ser remettidos pela inspecção dos incendios, onde se acham, ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, que lhe dará o destino conveniente».

(De um jornal, de cujo nome me esqueci de tomar nota).

2. Vandalismo

«Em Silves, uma das quatro vetustas cidades do reino arabe dos Algarves, existe uma velha cathedral, monumento archeologico precioso, digna de toda a veneração.

O tempo, como é natural, imprimiu-lhe o seu cunho de vetustez, o aspecto denegrado, do que é antigo.

A junta de parochia da terra, porém, embirrou com a velhice do monumento e resolveu remoçá-lo.

Mandou pintar de vermelho o templo, tanto exterior como interiormente, e como as juntas das pedras, mordidas pelos seculos, estavam gastas e carcomidas, mandou-lhes fazer uns rebôcos de gesso, salientes e em fórma de frisos, brancos, para dar mais realce e, porventura, mais encanto ao singularissimo remoçamento.

Ficou muito catita o velhissimo templo. De longe parece um *chalet* de praia».

(Noticia extrahida de um jornal).

3. O pelourinho de Santa Combadão

«Ha dias a Camara Municipal mandou mudar o pelourinho — um velho e grosseiro monolitho de granito — do largo do Engenheiro Urbano, para o do Tribunal, mas o encarregado da mudança, pela sua impericia, dirigiu por tal fórma a operação, que a columna partiu em quatro pedaços. E como não ha meio de obrigar o *mestre d'obras* a fazer outra, ali permanecem, e hão de permanecer, por largo tempo os destroços d'aquella *obra prima* dos nossos maiores».

(D'A Folha do Povo, de 2 de Maio de 1898).

4. Antiguidades de Santarem

«Numas excavações que estão fazendo em Pombalinho, para edificação de uns lagares e adegas, tem apparecido bastas ossadas humanas, algumas moedas antigas e imagens de santos.

Naquelle local, ou proximo, foi em tempo uma igreja sob a invocação de Santo Antonio».

(O Seculo n.º 5:894, de 11 de Julho de 1898).

5. Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra

«Reabriu no dia 1, ao público, o Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

Fundado em 1873, por iniciativa de um grupo de homens dedicados, este museu manteve-se durante annos com proporções modestas.

Depois, a morte de alguns dos principaes influentes, e o cansaço de outros, fizeram que elle caisse em completo estado de abandono.

Salvaram-o alguns entusiastas e amadores, que, eleitos em 1895 para a direcção da secção de archeologia, tomaram a peito reorganizar o museu em proporções mais vastas, colligindo alli todos quantos objectos de valor archeologico ou artistico pudessem obter.

Assim o fizeram, e a 26 de Abril de 1896 realizava-se uma sessão solemne da secção de archeologia, para o effeito de inaugurar o Museu na sua nova installação.

Depois d'isso, a direcção, que é composta dos Srs. Drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Joaquim Mendes dos Remedios, José Antonio de Sousa Nasareth e de Antonio Augusto Gonçalves, não se tem poupado a trabalhos para salvar da destruição os documentos historicos de maior ou menor valor, que ainda nos restam, e para os ir reunindo e colleccionando.

Em breve se reconheceu que as duas salas, denominadas «Ayres de Campos» e «Costa Simões», eram insufficientes para conterem objectos. A direcção da secção de archeologia pede nestas alturas e obtem do reitor da Universidade, o benemerito dr. Costa Simões, a concessão de umas casas occupadas pela Universidade e contiguas ás salas do Museu; do Ministerio das Obras Publicas consegue que se realizem as obras necessarias de adaptação, e assim se arranjam em poucos meses amplas salas, onde novamente se distribuem e installam os objectos, em disposição ao mesmo tempo ordenada e artistica.

Acabamos de sair agora mesmo do Museu do Instituto, e devemos declarar que saímos muitissimo bem impressionados.

Quer attendamos ao valor do que alli se encontra, quer ao bom gosto na disposição e arranjo, não é facil depararem-se-nos museus que nos satisfaçam tão completamente.

Vamos dar uma nota muito rapida do que é o Museu de antiguidades do Instituto.

Compõe-se de quatro grandes salas alem de pequenos annexos.

A primeira sala («Ayres de Campos») tem duas secções. Encontramos em primeiro logar a secção romana, onde se vêem numerosos

monumentos sepulcraes, amphoras, tijolos, fragmentos de estatuas, mosaicos e muitos utensilios de ferro e de barro do tempo dos romanos, todos encontrados em Portugal, e a maior parte d'elles nas ruinas de Conimbriga, perto de Condeixa-a-Velha, e de Aeminium, actual Coimbra.

Ha aqui monumentos de alto valor historico.

A outra secção da primeira sala é medieval, rica de monumentos das artes romanica e gothica.

Chamam aqui a attenção, em especial, uma bella collecção de imagens do seculo XIV, diversas esculpturas em meio relevo, numerosas inscripções gothicas, um bellissimo quadro «mudjar» de estuque, etc.

A segunda sala («Costa Simões») foi destinada exclusivamente a faiança.

Admira-se alli uma collecção de louças, valiosissimas pela abundancia e valor dos exemplares.

Quem quizer estudar a historia da faiança em Portugal não póde deixar de visitar esta sala, e de se demorar nella em minucioso exame. Os progressos da faiança coimbrã no seculo passado, antes da decantada influencia do Dr. Vandelli, são uma verdadeira revelação, devida ás peças documentaes aqui reunidas, a algumas das quaes não falta nem a assignatura do fabricante, nem a data do fabrico.

Na terceira sala, encontram-se objectos de mobiliario, pinturas, esculpturas de madeira, uma vasta collecção de manuscriptos em pergaminho, plantas e alçados de varios edificios e secções da cidade de Coimbra, desenhados no seculo passado, tapeçarias, vidros, bronzes, etc., etc.

Na quarta sala, acha-se reunido tudo quanto ha no Museu em estylo da Renascença, encontrando-se alli bellos exemplares de esculptura de pedra, e nove magnificas estatuas de barro, que representam Jesus Christo e os apóstolos, de tamanho maior do que o natural, trabalho dos principios do seculo XVI.

Finalmente, numa pequena sala contigua a esta, encontram-se objectos que não tem cabimento em nenhuma das outras.

Os trabalhos de installação foram dirigidos pelos Srs. Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dois artistas distinctissimos e illustradissimos, aos quaes as artes devem mui relevantes serviços.

Ambos são colleccionadores muito notaveis, e as suas collecções avultam no Museu do Instituto, que acabamos de descrever, e onde quem quizer póde depositar qualquer objecto, desde que lá tenha cabimento.

A grande collecção de faianças que enche a segunda sala pertence quasi exclusivamente áquelles dois cavalheiros.

O Museu acha-se aberto em todos os domingos e dias santificados, desde as 11 horas da manhã até ás 3 da tarde».

(D'O Seculo, de 16 de Janeiro de 1899).

6. Reliquia apagada

«Na freguesia de Molellos, concelho de Tondella, existe um baldio que mede quatro kilometros em circumferencia, denominado o Tojal-Mau, em cujo centro se eleva uma eminencia de quatro metros, approximadamente, de cota, e setenta de circumferencia. Haverá quarenta annos que existia, em poder de uma mulher da freguesia, um roteiro a que ella não ligava importancia alguma, e que passou ás mãos de um homem que mais ou menos orientado sobre a qualidade de thesouros escondidos num subterraneo do referido local, lhe conferiu o devido valor pela luz que viria fazer sobre o caso.

De facto, o tal roteiro dizia que no Tojal-Mau existia um thesouro enterrado, e indicava o ponto em que se encontrava. Este individuo usou de discreção, communicando o facto apenas a alguns amigos intimos, e tratou de explorar o ponto que o roteiro recommendava.

Começaram as excavações, e, á profundidade de vinte palmos, encontraram pedra, removeram-na, e certificaram-se de que ella era como que a parte de entrada para uma galeria, cujo tecto era abobadado, onde entraram, e, avançando por ella dentro, encontraram-se no interior de um quarto tambem de abobada, e construido com pedras enormes, cuja superficie devia ser de 5 a 6 metros quadrados por 4 ou 5 de altura. D'este quarto saíam dois corredores, um para leste e outro para nordeste, com dimensões taes que por elles podia transitar um cavalleiro.

Estes corredores eram tambem construidos com pedras enormes e em abobada. Dizia o referido roteiro que um d'elles ia ter ao rio do Portudinho, e o outro ao riacho das Fráguas, uma distancia de 4 a 5 kilometros. Não se sabe se os individuos, que exploraram o subterraneo, encontraram o annunciado thesouro, ou se este consistia em objectos de que se apossaram, diversos utensilios, entre os quaes alguns de marmore. Posteriormente, algumas pessoas voltaram a explorar, com a mira no decantado thesouro que o roteiro annunciava, mas de balde.

Durante bastante tempo esteve aberta, á vista dos curiosos, esta reliquia; ninguem pôde, porém, ir ao fim dos corredores, pela falta de luz e ar que se fazia sentir gradualmente. Passados annos, um in-

dividuo, com prévia auctorização competente, procedeu á sua demolição, utilizando essa preciosa pedra na construcção de um predio.

Hoje, apenas existe a eminência, em cujo centro se abre um fosso, e algumas pedras notaveis pelo seu tamanho; os corredores estão impenetraveis pela agglomeração do entulho produzido pela demolição.

É para lamentar que a auctoridade competente d'aquelle tempo consentisse na demolição d'aquella memoria tão digna de admiração. O que influiria para este fim? O magro dinheiro que pela sua apropriação reclamariam? Talvez».

(*O Seculo*, de 19 de Janeiro de 1899).

7. Achado archeologico

«Numa bouça¹ pertencente ao Sr. Dr. Rebello Barbosa, de Santo Thyrsó, procedendo-se a excavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma materia cheio de moedas antigas, litteralmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de fórma que impossivel se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela bocca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, adherentes umas ás outras, apresentavam o feitio da vasilha destruida. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram romanas, de cobre.

As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cêrca de 5:000.

Procedendo-se á limpeza de algumas moedas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Gallieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação».

(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900).

*

Tendo o redactor d'*O Archeologo* escrito ao Sr. Dr. Rebello Barbosa a pedir-lhe informações do achado, recebeu d'elle as seguintes, que, por serem interessantes, aqui se publicam para explanação da noticia precedente:

«Paços de Ferreira, 30 de Agosto de 1900. — Espero reconstituir uma das vasilhas. A outra, que servia de envolvero á que continha as

¹ Chamada Lage, freguesia de Villarinho, concelho de Santo Thyrsó.

moedas, não póde já ser reconstituída, porque os seus fragmentos acham-se actualmente na posse de muitas pessoas. Junto do local do achado não ha vestígios de construcções, nem sepulturas. Segundo os melhores calculos, as moedas foram enterradas ha mais de 1:600 annos, visto não haver moedas de Constantino Magno nem de outros imperadores posteriores a este. Quando as moedas foram escondidas, a freguesia de Villarinho era completamente deshabitada. Verifica-se á face de documentos e prazos antigos que a freguesia de Villarinho começou a ser habitada depois de 1300».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

322. Monte-Mor-o-Velho (Beira)

Ruínas

«O seu primeiro nome foi Acedobriga que teve duraçam de 1780 annos porque sendo seu Governador o Romano Manlio, 120 annos do salutifero nascimento lhe deu o nome de Cidade Manlianense, com que he conhecida dos Latinos¹. Confirmasse o nome de Cidade por algumas antigas escrituras, pella constante tradiçam, largos e espaçozos vestígios de edificios e sepulturas que mostram haver sido populosa, pois se estendia até o sitio de Ravel, que de presente he olivedo, e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem, a que teve o nome de Cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pello duvídozo». (Tomo XXIV, fl. 1465).

323. Monte-Negro (Tras-os-Montes)

Mina de estanho

«Nesta dita serra junto a S. Julião em hũ sitio que dizem *Valdoar* me dizem pessoas velhas que ouvirão dizer se tirava antiguamente estanho de hũa mina; e lá se vem ainda hoje alguns vestígios». (Tomo XXIV, fl. 1504).

324. Monte da Pedra (Alemtejo)

Povoação antiga. — Penedo Gordo e Lage de Santo Estevão

«Antigamente era esta Igreja a do logar do Sourinho e orago era Nossa Senhora com o titolo de Santa Maria, porem dezertarão os mo-

¹ *Nota marginal*: Manuscriptos dos Antiquarios Manuel de Barros de Escovar e Capitam Mór Antonio Correa da Fonceca.